

**A ESPERA, O ESQUECIMENTO (L'ATTENTE, L'OUBLI. PARIS: GALLIMARD, 1962)
MAURICE BLANCHOT**

Tradução: Adriano Henrique de Souza Ferraz (2023)

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a16

I (pg. 7 – 65)

Aqui e sobre esta frase que lhe seria talvez tão própria¹, [ele]² foi obrigado a se deter. É quase a escutando falar que [ele] redigira estas notas. Ele ainda ouvia a sua voz escrevendo. Ele as mostrou. Ela não queria ler. Ela leu apenas algumas passagens e porque ele pediu delicadamente. “Quem fala?” dizia ela. “Quem fala, então?”. Ela tinha o sentimento de um erro que [ela] não conseguia situar. “Apague o que não lhe parece justo”. Mas ela não podia apagar mais nada. [Ela] Rejeitou todas as folhas tristemente. [Ela] Tinha a impressão de que, ainda que lhe assegurasse que acreditaria em tudo, ele não acreditava o bastante, com a força que teria a verdade presente. “E agora você me arrancou algo que eu não tenho mais e que nem mesmo você tem”. Não haveria palavras que ela aceitaria de bom grado? Que se desviassem menos do que ela pensava? Mas tudo girava diante dos seus olhos: ela perdera o centro de onde irra-[8]-diavam os acontecimentos os quais [ela] tinha tão firmemente até aqui. Ela disse, talvez para guardar alguma coisa, talvez porque as primeiras palavras dizem tudo, que o primeiro parágrafo lhe pareceu o mais fiel e também um pouco o segundo, sobretudo no final.

Ele decidiu sair dali. Ele não a conhecia muito. Mas ele não tinha necessidade de familiaridade para se tornar próximo dos seres. O que os colocava tão intimamente em

1 [qui lui était peut-être aussi destinée] Como a tradução literal causa certo estranhamento, hesitamos entre a forma usada e “Aqui, e sobre esta frase que era talvez também destinada a ele”. Mas a quantidade repetitiva de pronomes neste texto nos fez optar pela tradução acima.

2 Seguindo a recomendação, buscaremos explicitar entre colchetes, sobretudo nestes parágrafos introdutórios, a aparição dos pronomes mesmo quando se fizerem repetitivos tentando preservar certa fluidez da leitura sem perder de vista o papel central que *ele* e *ela* assumem na narrativa.

relação, seria o acaso que lhe dera por quarto precisamente este quarto? Outros o habitaram temporariamente, e ela dizia que, pelo contrário, [ela] os evitava. Seu quarto para ela estava no fim do mesmo corredor, um pouco mais longe, no lugar onde a casa se punha a girar. Ele podia percebê-la, enquanto ela se estendia sobre a grande varanda, e ele lhe fazia sinais pouco após sua chegada.

[Ele] Se perguntava se ela tinha razão de lhe reprovar sua falta de fé. Ele acreditava, não duvidava de suas palavras. Vê-la, escutá-la o ligava a um pressentimento que ele não desejava ficar sem. De onde vinha então o seu engano? Por que ela rejeitava tão tristemente o que [ela] tinha dito? Ela se rejeitava a si própria? Ele pensou que havia, num certo momento, cometido um erro. Ele a tinha interrogado muito brutalmente. [Ele] Não se lembrava de tê-la questionado, mas isto não se justificava, ele a questionara de uma maneira muito forte por seu silêncio, sua espera, pelos sinais que [ele] lhe tinha feito. Ele a levou a dizer [9] muito abertamente a verdade, era uma verdade direta, desarmada, sem retorno.

Mas porque ela lhe tinha falado? Se ele começasse a se interrogar sobre isso, [ele] não poderia mais continuar. Contudo, isso também era essencial. Enquanto não encontrasse a razão justa, [ele] não estaria jamais certo que ela lhe tivesse verdadeiramente dito o que agora ele não duvidava ter ouvido – ele devia esta convicção à sua presença, ao murmúrio das palavras: o ar aqui continuava a falar. Mas depois? Não precisava se preocupar depois, não procurava garantias para um outro tempo. Ele a deixaria livre. Talvez não desejasse pressioná-la a outras confidências, talvez seu desejo secreto fosse retê-la, ao contrário, sobre esta inclinação. Ela o atraía, mas lhe causava também um grande mal-estar. Que houvesse segundas intenções [*arrière-pensées*], ele então descobriria. Estas segundas intenções não teriam [elas] em seu desconhecimento [*insu*] alterado o que ele havia escrito com tanta segurança? Dizia a si mesmo que não. [Ele] Experimentava um confuso desespero pensando na recusa que ela lhe opusera com tanto desespero. Ser fiel, eis o que lhe era exigido: ter esta mão um pouco fria que lhe conduziria pelos singulares meandros até um lugar onde ela desaparecesse e lhe deixasse só. Mas era difícil não buscar a quem pertencia esta mão. Sempre havia sido assim. É nesta mão que ele pensava, essa que a ele tinha se estendido, e não no itinerário. Aí sem dúvida estava o engano.

Não pôde evitar, enquanto [10] reunia as folhas – e agora ela o vigiava com um olhar curioso – se sentir ligado a ela por esse erro. Não compreendia bem o porquê. [Ele tinha] Como que tocado através do vazio, ele a tinha visto um instante. Quando? Todo o tempo. Viu quem ela era. Isso não o encorajava, antes isto punha um ponto final em tudo. “Assim seja, ele disse para si mesmo, se você não quer, eu desisto”. Ele desistiu, mas sobre uma palavra de intimidade que, é verdade, não se endereçava diretamente à ela. Ainda menos ao seu segredo. Ele visava outra coisa que lhe era mais familiar, que conhecia e com que parecia ter vivido numa alegre liberdade. Surpreendeu-se em descobrir que era talvez sua voz. Esta voz que lhe fora confiada. Que pensamento surpreendente! Pegou as folhas e escreveu: “É a voz que te é confiada, e não o que ela diz. O que ela diz, os segredos que você recolhe que você transcreve para fazê-los valer, você deve levá-los delicadamente, apesar de sua sedução, para o silêncio que primeiro você extraiu dela”. Ela perguntou para ele o que tinha acabado de escrever. Mas era qualquer coisa que não deveria escutar, que eles não deveriam escutar juntos.

♦ Ele a olhava secretamente. Talvez ela falasse, mas sobre o seu rosto nenhuma bondade em relação ao que ela dizia, nenhum consentimento para falar, uma afirmação precariamente viva, um sofrimento precariamente falante.

Ele gostaria de ter o direito de lhe dizer: [11]

“Cesse de falar, se você quiser que eu te ouça”. Mas ela não podia mais se calar, mesmo não dizendo nada.

Ele se dava conta de que ela talvez tinha se esquecido de tudo. Isso não o incomodava. Ele se perguntava se [ele] não desejaria tirar proveito do que ela sabia, mais por esquecimento do que por recordação. Mas o esquecimento... Foi necessário entrar, ele também, no esquecimento.

♦ “Por que você me escuta assim? Por que, mesmo enquanto você fala, você ainda escuta? Por que te atrai em mim esta palavra que em seguida eu preciso dizer? E você nunca responde; você nunca fez ouvir algo de você. Mas eu não vou dizer nada, sabe disso. O que eu disse não é nada”.

Sem dúvida ela queria que ele repetisse o que ela tinha dito, somente repetir. Mas ela nunca reconheceria em minhas palavras as suas. Eu mudei alguma coisa no meu desconhecimento[*insu*]? Alguma coisa dela para mim mudou?

A voz baixa para si mesmo, a voz mais baixa para ele. Palavra que é preciso repetir antes de tê-la escutado, rumor sem traço que se segue, lugar nenhum-errante, todo lugar residente, necessidade de deixá-la ir.

É sempre a velha palavra que quer estar aí de novo sem falar.

◆ Isto não é uma ficção, embora ele não seja capaz de pronunciar a propósito de tudo disso a palavra [12] de verdade. Algo lhe aconteceu, e ele não pode dizer que isso seja verdadeiro, nem o contrário. Mais tarde, ele pensou que o acontecimento consistia de certa modo em não ser sem verdadeiro nem falso.

◆ Pobre quarto, você nunca foi habitado? Como faz frio aqui, quão pouco eu te hábito. Eu não fico aqui somente para apagar os traços de minha estadia?

Novamente, novamente, sempre andando pelo lugar, um outro país, outras cidades, outras estradas, o mesmo país.

◆ Tinha tido muitas vezes a impressão de que ela falava, mas que ela não falava ainda. Ele então esperava. Ele estava, trancado com ela, no grande círculo movente da espera.

◆ “Faça como que eu pudesse te falar.” – “Sim, mas você tem alguma ideia do que eu deveria fazer para isso?” – “Me convença de que você me escuta.” – “Bem, comece, me fale.” – “Como eu poderia começar a falar se você não me escuta?” – “Por que esta familiaridade [*tutoiement*]? Você nunca se familiariza a ninguém.” – “É a prova de que eu me endereço a você.” – “Eu não te peço para falar: escute, apenas escute.” – “Te escutar ou escutar em geral?” – “Não a mim, você entendeu. Escutar, apenas escutar.” – [13] “Então, que não seja você que fala, enquanto você fala.”

E então em uma única linguagem sempre se faz escutar a palavra[*parole*] dupla.

Era um tipo de luta que ela mantinha com ele, uma explicação silenciosa pela qual ela lhe perguntava e lhe fazia razão.

◆ E, contudo, não tinha ele cuidado [*mis em garde*] desde o primeiro dia, esse dia que não era ainda totalmente o primeiro e onde ela lhe parecera tão incomodada de estar aí, surpresa e quase irritada, esperando dele que [ele] se justificasse justificando-a?

Com suas jovens forças, ele não hesitara em responder. Era uma época brilhante onde tudo parecia novamente possível e onde ele não tomaria nenhuma precaução, observando ao acaso com uma retidão soberana sempre o detalhe essencial e se fiando ademais à sua memória que nunca falhara.

◆ É como se ela esperasse que ele lhe fizesse uma descrição minuciosa deste quarto onde ela se mantinha ainda em relação com ele. Talvez para garantir a certeza de que ela se encontrava aí verdadeiramente. Talvez porque ela pressentia que esta descrição faria surgir este mesmo quarto, habitado por outro alguém.

Neste ponto extremo da espera onde desde há muito tempo o que há para esperar não serve senão para manter a espera, no momento talvez último, talvez infinito: homem ainda entre nós. [14]

Tentar ignorar o que sabemos, somente isso.

◆ O que ele traz sobre seus ombros? Qual ausência de si mesmo pesaria sobre ele?

◆ Ele tenta então olhar o quarto mais pela *ociosidade* [*désœuvrement*]³ do que por interesse: é um quarto de hotel. Estreito e longo, anormalmente longo, talvez.

3 Este é um conceito fundamental em Blanchot que recebe frequentemente a tradução desobramento ou inoperância em traduções para língua espanhola. Optamos aqui pelo uso do termo ociosidade, utilizado na tradução de Álvaro Cabral de *O Espaço Literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 2011), indicando entre colchetes o termo original. “Desobrado”, aquilo que não tem obra, que é desamparado, despossuído, improdutivo e desocupado, que, no entanto, carrega consigo uma potência, cujo vazio é imprescindível para a criação. Ócio, portanto, como vagabundagem criadora, como temporalidade insubmissa, parece construir uma boa ponte para os níveis de significação numa e noutra língua.

◆ Quando ele entendeu que ela não tentaria lhe dizer como as coisas se passaram – talvez ela lhe diria para além disso –, mas que ela lutava com um frio sofrimento contra algumas palavras que tinham sido como que depositadas nela e que ela se esforçava para manter em relação com o futuro ou com algo que não havia ainda se passado, tudo já presente, tudo já passado, ele experimenta pela primeira vez o medo. Primeiro, ele não saberia nada (e ele viu o quanto desejara saber), e em seguida ele nunca perceberia em qual momento ele estaria prestes a acabar. Qual existência resultaria, séria, frívola, sem desfecho, sem perspectiva; quanto às suas relações com ela, uma perpétua mentira.

◆ A característica do quarto é o seu vazio. Quando ele entra, [ele] não o nota: é um quarto de hotel, como ele sempre o habitou, como ele os ama, um hotel de meia categoria. Mas, desde quando quis descrevê-lo, ele⁴ está vazio, e as palavras de que ele se serve só recobrem o vazio. No entanto, com tal interesse ele⁵ o vigia, quando lhe diz: aqui a cama, aí uma mesa, aí onde você está uma poltrona.

Ele⁶ se imaginava, ao menos ele tinha a impressão, que [ele] dispunha de um grande poder do qual ele poderia se servir para alcançar o centro desta verdade que [ele]⁷ parecia ter constantemente a sua frente sem conseguir torná-la real; mas, deste poder, por uma negligência incompreensível, ele recusava nada fazer. “Por que você não faz tudo o que você poderia fazer?” – “Mas por que eu faria?” – “Por mais que você não faça.” – “Sim, sem dúvida; um pouco mais, acrescenta ele alegremente. Tenho frequentemente essa impressão desde que te conheço” – “Seja sincero: por que você não exerce esta potência que você sabe que tem?” – “Que tipo de potência? Por que você me diz isso?” Mas ele⁸ voltava aí com sua tranquila obstinação: “Reconheça o poder a que você pertence.” – “Eu não o conheço e ele não me pertence.” – “Esta é a prova de que o poder faz parte de você.”

As vozes ressoam no imenso vazio, o vazio das vozes e o vazio deste lugar vazio.

4 [Elle] refere-se à *la chambre*. Aqui a interlocução deixa de ser com a voz e passa a ser com o *quarto*. Porém em alguns momentos é difícil distinguir quem fala: a voz, o narrador ou o próprio quarto.

5 *Elle*, ou seja, *la chambre*.

6 [Elle] O quarto ou a voz?

7 [Elle]

8 [Elle]

♦ As palavras se desgastam na lembrança que elas ajudam a exprimir.

Em sua memória, nada além de sofrimentos que não podem ser rememorados [16]

♦ O desejo que ele teria escutado tinha há muito tempo dado lugar a uma necessidade de silêncio que de tudo o que ela dissera teria formado o fundo indiferente. Mas apenas o acordo poderia alimentar este silêncio.

Eles buscavam um e outro a pobreza na linguagem. Sobre este ponto, eles concordavam. Sempre, para ela, havia um excesso de palavras e uma palavra de excesso, além do mais palavras muito ricas e que falavam com excesso. Ainda que ela fosse aparentemente pouco conhecedora, ela parecia sempre preferir as palavras abstratas, que não evocavam nada. Não tentava ela, e ele com ela, formar no seio desta história um abrigo para se proteger de algo que a história também contribuía a atrair? Havia momentos onde ele acreditava e as frases que o faziam acreditar.

Talvez ela quisesse somente destruir nele, lhe propondo esta história, a vontade de se exprimir na qual ela procurava ao mesmo tempo reduzi-lo.

♦ Não é preciso voltar atrás.

♦ Esperar, estar atento ao que faz da espera um ato neutro, envolta sobre si, cingida em círculos onde o mais interior e o mais exterior coincidem, atenção distraída em espera e vertida até o inesperado. Espera, espera que é a recusa de esperar, calma estendida desenrolada pelo passo. [17]

Ele experimenta a impressão de estar ao serviço de uma distração pela impressão inicial de que não se deixaria alcançar a não ser dissimulada e dispersa nos atos de extrema atenção. Esperando, mas sob a dependência do que não saberia se deixar esperar.

Espera parece significar para ela a retomada dela mesma numa história que teria uma obrigação de se realizar e que deve ter por consequência sua marcha progressiva para um fim. A atenção deveria ser como que exercida por esta narrativa de modo a

arrebatando lentamente a distração inicial sem a qual, contudo, ele sente que a espera se tornaria um ato estéril.

Esperar, o que é preciso esperar? Ela se mostrava surpresa, se ele lhe perguntava, porque ela era uma palavra suficiente. Desde que esperássemos algo, esperamos um pouco menos.

♦ A extraordinária pressão que a discrição e a espera silenciosa exerciam sobre ele. Durante muito tempo, eles não esperavam mais alcançar o fim que eles se propuseram. Ele não sabia mais se se ela continuaria a tratar consigo desta coisa. Ele a olhava secretamente. Talvez ela falasse, mas sobre sua face nenhuma bondade em relação ao que ela dizia...

♦ Ele não o faria.

“Se você não o fizer, você o fará, no entanto.” – “Mas você o deseja?” – “Ah, você não vai sair disso assim.. Se você sair, [18] eu o desejarei.” Ele reflete: “Talvez eu poderia ter feito há muito tempo.” – “Quando, então?” – “Bem... quando eu não a conhecia”. O que a fez rir: “mas você não me conhece”.

♦ “Sim”. Ela disse realmente esta palavra? Ele é tão transparente que deixa passar o que ela disse e até mesmo esta palavra.

♦ “Isto é então passado aqui e você estava comigo?” – “Talvez com você: com alguém que agora eu não posso deixar de reconhecer em você”.

Do fora, ele teria gostado que víssemos melhor o que ele era: ao invés do começo, um tipo de vazio inicial, uma recusa enérgica em deixar a história começar.

História, o que ela ouve por aí? Ela se lembra das palavras que um dia tinham irrompido em sua vida. “Ninguém aqui deseja se ligar a uma história”. Lembrança quase extinta e no entanto ainda o abala.

♦ “Eu farei tudo o que você quiser”. Mas agora isso não lhe bastava. “Eu não lhe peço para me ajudar, eu lhe peço para estar aí e esperar, você também.” – “O que eu

devo esperar?” Mas ela não entendia esta questão. Desde que se esperasse algo, esperávamos um pouco menos. [19]

♦ “Quando eu falo com você, é como se tudo o que me recobre e me protege me abandonasse e me deixasse exposto e muito vulnerável. Para onde vai esta parte de mim? É em você onde ela se volta contra mim?”

O que ele pressente, é que ela espera que ele a leve muito longe para que a lembrança se lembre dela e possa se exprimir. É isso que eles não cessam de evocar a todo momento.

Em segredo ao olhar de todos.

Como se a dor tivesse por espaço o pensamento.

♦ “Seja, ele se disse fechando os olhos, se você não quer, eu renuncio”. Ele se deu conta de que ele talvez tenha se esquecido de tudo. Esse esquecimento fazia parte do que ela queria lhe dizer. No começo, com suas forças jovens e sua certeza brilhante, ele se alegrava deste esquecimento que lhe parecia muito próximo do que ele sabia, mais próximo talvez que a lembrança, e é pelo esquecimento que ele buscava explorá-la. Mas o esquecimento... [ele]teria que entrar, ele também, no esquecimento.

♦ *Faça com que eu possa te falar.*

“O que eu devo dizer?” – “O que você quer dizer?” – “Isto que, se eu o dissesse, destruiria esta vontade de dizer”.

Ela dava a impressão, quando ela falava, de não saber religar as palavras à riqueza de uma linguagem anterior. Eles eram sem história, sem ligação com o passado de tudo, sem relação mesmo com sua [20] vida nela, nem com a vida de ninguém. No entanto, eles diziam o que eles diziam com uma exatidão que apenas sua falta de equívoco tornava suspeita: como se eles tivessem tido uma significação única fora da qual eles tornavam-se novamente silenciosos.

O sentido de toda esta história é o de uma longa frase que não podia ser fragmentada, que não encontrava sentido a não ser no fim e que, ao fim, o encontrava apenas como um sopro de vida, o movimento imóvel de todo o conjunto.

Ele começa ouvir ao lado do que ela dizia, e como que atrás, mas numa extensão sem profundidade, sem alto nem baixo, e contudo materialmente situável, uma outra palavra com a qual a sua não tinha quase nada de comum.

♦ *Faça com que eu possa te falar.*

♦ A recusa que ela lhe opunha estava em sua docilidade ela mesma. Tudo era obscuro, ele o sabia, problemático talvez, e sua presença ligada a uma dúvida: como se ela não tivesse presente a não ser para impedir de falar. E depois vinham os instantes onde, o fio de suas relações sendo rompido, ela reencontrava sua tranquila realidade.

Então ele via melhor em qual extraordinário estado de fragilidade ela se encontrava, de onde ela tirava essa autoridade que as vezes a fazia falar. E ele próprio? [Ele] Não estaria muito forte para ouvi-lo, muito convencido do sentido extenso de sua própria existência, muito conduzido por seu movimento? [21]

O que faltava ao que ela dizia, às suas frases mais simples?

♦ *Faça com que eu possa te falar.* Ela realmente a desejaria? [Ela] Estava certa de que não se arrependeria? “Se, eu me arrependerei. Eu já me arrependi.” Mas, não sem tristeza, ela acrescenta: “Você também, você se arrependeu.” – “Mas então é melhor não querer nem começar”. Ela ri: “Sim, mas é que eu já comecei agora”.

Ele sabe desde sempre que não há nada que não possa ser expresso pelas palavras mais comuns, mas com a condição de que ele próprio pertença a este mesmo segredo, ao invés de o conhecer, e renuncia a sua parte de luz neste mundo.

Ele não saberia nunca o que ele sabia. Era isso, a solidão.

♦ “Me dê isso”. Ele escuta esta injunção como se ela viesse dele, se dirigindo à ele. “Me dê isso”. Palavra que não parece uma oração, nem realmente uma ordem, palavra neutra e branca à qual ele sente, não sem esperança, que ele não resistirá para sempre. “Me dê isso”.

♦ Ele está neste momento envolvido num erro do qual ele não quer se excluir e que é apenas a retomada dos seus erros mais antigos. Ele não reconhece, e quando dizemos: “Mas [22] este pensamento, é sempre o mesmo pensamento!”, ele se contenta em refletir e finalmente responde: “Não totalmente o mesmo; e eu gostaria de pensar nisso ainda um pouco”.

Eu não posso ouvir o que eu já ouvi.

♦ Ele se pergunta se ela não reside na vida para prolongar o prazer de terminá-la.

♦ Que [ele] possa partir, ele sabia que é nesta segurança que [ele] deveria poder ficar. Mas ele pressentia que esta partida que era o que podia se fazer mais facilmente sobre o plano pessoal, tinha sobre um outro plano todas as características de uma decisão irrealizável. Ele partia, mas no entanto [ele] ficava. Eis a verdade ao redor da qual ela girava, ela também.

E as vezes, com uma indiferença que era já como uma prova, ele se perguntava se não estava na segunda forma de sua estadia: ele estava aí porque num certo momento ele partiu.

Ele a forçava a falar, agora [ele] se dava conta. Ele fechava o quarto, dificilmente ela entrava. Ele o substituía por um outro quarto, o mesmo e tal como ele lhe havia descrito, sim, igual, ele não a enganava assim, apenas mais pobre por causa das palavras muito pobres, reduzidas ao espaço de alguns nomes fora do qual ele sabia que ela não sairia. Como eles sufocavam juntos neste lugar fechado onde as palavras que ela dizia não podia [23] mais significar senão esta clausura. Ela não dizia isso, somente isso: “Nós estamos doentes, não sairemos mais daqui?”.

Ele tomou lentamente, rapidamente a consciência: de agora em diante ele buscava um desenlace. Ele a buscava

♦ Contudo, tudo permaneceu inalterado.

♦ O quarto foi iluminado por duas janelas que, à alguns passos de distância, abrem obliquamente o muro. A luz penetra quase igualmente até uma mesa de cor preta, preto

enorme e sólido. Próximo da mesa, onde começa a parte não atingida pelo sol mas muito iluminada, diretamente numa poltrona cujos braços não tocam os apoios, ela respira lentamente.

“Você quer muito sair deste quarto?” – “Preciso-o” – “Você não pode sair agora” – “Preciso-o, preciso-o” – “Apenas quando você me disser tudo.” – “Eu lhe direi tudo, tudo o que você deseja que eu diga.” – “Tudo o que for necessário que você diga” – “Sim, tudo o que for necessário para que você escute. Nós ficaremos juntos, eu te direi tudo. Mas não agora.” – “Eu não te impeço de sair.” – “É preciso que você me ajude, você sabe.”

♦ Não é verdade que você esteja confinada comigo e que tudo o que você não disse ainda te separa do fora. Nem um nem outro, nós não [24] estamos aqui. Apenas algumas das suas palavras a penetraram, e de longe nós as escutamos.

♦ Você quer se separar de mim? Mas como você vai fazer isso? Pra onde você vai? Qual é o lugar onde você não está separada de mim?

♦ Se te aconteceu alguma coisa, como eu posso suportar a espera do saber para não o suportar? Se te aconteceu alguma coisa – mesmo se isso só lhe ocorra muito tarde, e muito tempo depois de meu desaparecimento – como não seria insuportável desde agora? E é verdade, eu absolutamente não o suporto.

♦ Esperar, apenas esperar. A espera estrangeira, igual em todos os seus momentos, como o espaço em todos os seus pontos, semelhante ao espaço, exercendo a mesma pressão contínua, não exercendo-a. A espera solitária, que estava em nós e agora passada ao fora, espera de nós sem nós, nos forçando a esperar fora de nossa própria espera, não nos deixando mais nada a esperar. Primeiro a intimidade, primeiro a ignorância da intimidade, primeiro o lado à lado de instantes se ignorando, se tocando sem relação.

Ele buscava, às vezes dolorosamente, não mais leva-la em conta. Ela tinha pouco lugar. Ela permanecia sentada, reta, as mãos estendidas sobre a mesa, de modo que,

levantando os olhos, ele podia ver apenas suas mãos desocupadas. Às vezes ele acreditava [25] que ela tinha levantado e atravessado o quarto. Mas ela estava lá.

“Você já sabe tudo.” – “Sim, eu sei tudo.” – “Por que você me obriga a te dizer?” – “Eu gostaria de saber de você e com você. É uma coisa que só podemos saber juntos.” Ela refletiu: “Mas você não se arrisca em saber um pouco menos?” Ele refletiu por sua vez: “Isso não importa. É preciso que você o diga: uma vez, uma única vez; que eu te escute dizer.” – “Se eu lhe digo uma vez, eu lhe direi sempre.” – “Sim, é isso, sempre”.

“Eu não quero saber. Eu desejo que você me diga para eu não ter que saber.” – “Não, não, isso não”.

♦ Ele sabia, e lhe parecia que ela sabia, que ele tinha algo aqui como um vazio. E ele se interrogasse, com esta paciência que conseguiria afastar sem violência as noções estrangeiras, ele não hesitava em concluir que o vazio se encontrava num lugar que ele poderia situar, se ele fosse capaz de aplicar mais seriamente o seu espírito. Mas era preciso fazer um grande esforço para sonhá-lo e mesmo para lembrá-lo. Era como se houvesse introduzido no interior do seu pensamento um sofrimento que, desde que ela despertara, o forçava a não pensar. Contudo, neste dia ele foi mais longe. Il imaginou que, se pudesse descrever exatamente, com minúcia e não fugidamente, este quarto, sem levar em conta sua presença [26] nele, mas tentando o distribuir ao redor de sua presença nela, ele descobria quase necessariamente o que faltava e cujo defeito os colocava um e outro sob a dependência de algo que lhe parecesse por vezes ameaçador, por vezes alegre, ou de uma alegria ameaçadora. Naturalmente, ele sabia que não gostava muito de olhar para este quarto, mas só porque ela não parava de lhe exigir, com uma insistência silenciosa, que te descrevesse e sempre de novo. Antigamente, e desde que ele havia entrado, a tinha encontrado quase agradável.

Havia nele um ponto de fragilidade e de distração que ele precisava relacionar com tudo o que ele pensava e dizia, correndo o risco de cometer aquilo que lhe parecia ser a infidelidade essencial. É ao redor deste ponto que tudo o que ele tinha escrito e tudo o que ele tinha vivido, era, por uma necessidade mal percebida, disposto e orientado, como um campo de forças caprichoso e movente. Qual era este ponto? Esteve algumas vezes próximo dele. Tinha, desta aproximação traduzida com obstinação, descobertas

surpreendentes. E a cada vez estava pronto para recomeçar este movimento: contra seu gosto e contudo de bom grado; não de bom grado: contra o seu gosto somente.

◆ Ele acreditava ter conquistado a paciência, mas ele tinha apenas perdido a impaciência. Ele não tinha mais nem uma, nem outra, ele só tinha a sua falta de onde ele imaginava poder tirar uma última força. Sem [27] paciência, sem impaciência, não consentindo nem recusando, abandonado sem abandono, se movendo na imobilidade.

Com alguma melancolia, mas qual calma certeza, ele sentia que jamais poderia dizer: “Eu”.

◆ Devemos sempre, face à cada instante, nos conduzir como se ele fosse eterno e o que ele espera de nós é que nos tornemos novamente passageiros.

Eles se conversavam sempre sobre o instante em que eles não estariam mais aqui e, ainda que sabendo que eles estariam sempre aqui a conversar sobre tal instante, eles pensavam que não havia nada mais digno de sua eternidade do que passar a evocar o seu fim.

◆ Há uma porta que não foi notada? Há uma parede lisa, aí onde se abrem duas janelas? Há sempre a mesma luz, ainda que seja noite?

◆ Expressar apenas isso que não pode ser. Deixá-lo inexpresso [*inexprimé*].

◆ Alguma coisa de negativo a ajudava a falar. Tinha a impressão de que, em cada uma de suas frases, ela dava sempre um lugar à possibilidade de acabar.

Tudo o que ela dizia, ela aplicava visivelmente a não manter a sua existência nela. Se é possível não ficar atrás [28] do que dissemos, não emprestar às palavras nem vida nem calor, de falar distante de si e portanto com a maior paixão, uma paixão sem calor e sem vida, então é ela quem fala agora.

◆ O que ele não tinha jamais perguntado: se ela dizia a verdade. Aí está o que explicava suas difíceis relações; ela dizia a verdade, mas não nisso que ela dizia.

E houvera esse dia em que ela tinha declarado: “Agora eu sei porque não te respondi. Você não me interrogou.” – “É verdade, eu não te interroguei como é preciso.” – “Contudo, você me interrogou constantemente.” – “Sim, constantemente.” – “Isso também me faz responder.” – “Eu pergunto muito pouco entretanto, convenhamos.” – “Tão pouco que a minha vida basta”. Ela estava de pé quase ao seu lado, olhando para frente: “Naturalmente, se eu morresse, você não deixaria de me lembrar a vida para me fazer ainda responder.” – “A menos, disse ele sorrindo, que eu não morra primeiro.” – “Espero que não, isso seria pior”. Ela se deteve, e voltou para uma outra ideia: “Eu devo ser capaz de saber apenas uma única coisa.” – “Gostaria de saber apenas uma. Mas tememos que não seja a mesma coisa. Nós tomamos nossas precauções”.

Eu não posso então ouvir o que eu já ouvi. [29]

♦ “Dúvida de mim?” Ela queria dizer de sua veracidade, de suas palavras, de sua conduta. Mas eu ouvia uma dúvida maior.

Ah, se eu pudesse me persuadir de que ela me escondia algo. “Você tem um segredo?” – “É você que o tem agora, você sabe bem.” Sim, infelizmente, eu sabia que eu o tinha, sem propriamente sabê-lo.

E, para acabar, com ímpeto: “Eu havia falado sem parar?”

♦ Você deve ser prudente: que figura! Sem lei, é a aparência, mas ela é como que ligada à um ponto particular deste lugar, um ponto que ela tornava visível se o seu desejo de vê-la não rejeitasse todo o resto.

Os pensamentos da noite, sempre mais brilhantes, mais impessoais, mais dolorosos. Constantemente dor e alegria infinitas, e ao mesmo tempo a calma.

♦ “Eu gostaria que você me amasse apenas pelo que é impassível e insensível em você”.

♦ Ela não lhe tinha sugerido algumas vezes que a descrição não tinha que ser acabada, ela era sempre completa e que ele não faltava à sua ausência, de que não sabíamos se ela se alegrava ou se alarmava. “Quando partirmos.” Ou apenas: “Quando

“você não estiver mais aqui.” – “Então, você [30] não estará mais aqui.” – “Nem eu, não estarei mais aqui”.

◆ Duas palavras estreitamente atadas uma contra a outra, como dois corpos vivos, mas aos limites indecisos.

◆ Ela tinha uma extraordinária boa vontade. Ele a interrogava, ela respondia. Esta resposta, é verdade, não dizia nada além da questão e apenas a encerrava. Era a mesma palavra regressando para ela mesma, no entanto não totalmente a mesma, ele se dava conta; havia uma diferença que estava talvez neste retorno e ele teria aprendido muito se tivesse sido capaz de reconhecê-la. Talvez, seja uma diferença de tempo; talvez seja a mesma palavra um pouco apagada, um pouco mais rica num sentido singular, por causa deste apagamento, como se houvesse sempre um pouco menos na resposta do que na questão.

“Todas as suas palavras me interrogam, mesmo quando você diz coisas que não se relacionam comigo.” – “Mas é que tudo se relaciona com você!” – “Não comigo. Eu, estou aqui, isso deveria te bastar.” – “Sim, isso deveria me bastar mas com a condição de que eu esteja certo de você.” – “Você não está certo de mim?” – “De você, se fosse você”. Estava perto de lhe comunicar o que já tinha sentido: aí onde ela estava, havia um conjunto indistinto se estendendo ao infinito e se perdendo no [31] dia, uma multidão que não era uma verdadeira multidão de pessoas, mas alguma coisa de inominável e indefinido, um tipo de fraqueza abstrata, incapaz de se apresentar de outro modo que sob a forma vazia de uma enorme quantidade. E, contudo, ela mesma, quaisquer que fossem suas relações com a multidão, não se perdiam nunca realmente, se impondo ao contrário com uma autoridade delicada que a tornava mais presente e mais persuasiva.

“Tudo o que você disse, eu vejo ao seu redor, como uma multidão para a qual você será convidada a se deixar absorver, um tipo de coisa fraca, de uma fraqueza quase desagradável.” – “Eu também sinto isso. Se trata disso sem cessar.” – “O que nós dissemos é realmente tão desprezível?” – “Desprezível, eu não tenho medo, mas é minha culpa.” – “É nossa culpa.” – “Sim, sim, disse ela alegremente, é nossa culpa”.

♦ Através das palavras passam ainda um pouco do dia.

♦ “Quando você disse isso?” – “Ele me disse?” – “Ele disse que gostava de estar perto de você?” – “Que palavra engraçada!” Isso a deixou de bom humor. “Não, ele nunca falou assim”. E com uma estranha energia: “Ele não se agradava em ficar perto de mim, ele não se agradava em ficar perto de ninguém.” – “Ah, isso diz muito. Ele vivia à parte? Ele não gostava de ver as pessoas?” E antes que ela tivesse a liberdade de responder, [32] ele encontrava audaciosamente a questão: “Então, porque ele ficava quase todo o tempo com você?”. Ela escutou essa palavra que pareceu deixar se estabelecer ao seu redor. Ela estava imóvel, e ele se perguntava quanto tempo ela suportaria ser o centro de uma tal pressão, mas ela fez melhor do que resisti-lo e, para sua surpresa, ela lhe disse mais, talvez, do que [ela] até então lhe tinha dito e de uma maneira que despertou nele próprio uma longa e dolorosa consciência: “Sim, ele ficou quase todo o tempo comigo”.

Ele ficou quase todo o tempo com ela.

♦ A pressão da cidade: de todas as partes. As casas não estão aí apenas para que as habitemos, mas porque existem ruas e, nas ruas, o movimento incessante da cidade.

♦ “Nós não estamos aqui.” – “Não, não estamos verdadeiramente sós. O que aceitaríamos ser?” – “Sós, mas não cada um por sua conta, sós por estarmos juntos.” – “Estamos juntos? Não totalmente, não é? Apenas se pudermos estar separados.”

♦ “Estamos juntos? Não totalmente, não é? Apenas se pudermos estar separados.” – “Estamos separados, tenho medo, por tudo o que você não quis dizer de ti.” – “Mas também reunidos por causa disso.” – ‘Reunidos: [33] separados’. Ela se perdia num tipo de lembrança de onde ela saiu para afirmar sorridente: “Não podemos estar separados, que eu fale ou não”.

Talvez amando nele – ainda que ela se queixasse – esta forte inclinação para desaparecer diante do que ela não podia lhe dizer.

♦ “Nós ainda não começamos a escutar, não é?” – “O que você quer dizer?” – “Que se pudermos fazer com que ela comece, poderemos também acabar com a espera.” – “Mas nós queremos mesmo que acabe?” – “Sim, nós queremos, nós queremos apenas isso”.

“Tudo mudaria se esperássemos juntos.” – “E se a espera nos fosse comum? Se nós lhe pertencêssemos em comum? Mas o que esperamos, não é isso, estar juntos?” – “Sim, juntos” – “Juntos, esperando sem esperar”.

♦ Ele se pergunta se a solidão não está ligada à sua presença, não diretamente, mas porque ela o obrigaria, sem que ela possa nunca alcançar completamente, a viver de uma maneira impessoal. Quando ele a tocou e a atraiu para um movimento no qual ela também consentia, ele sabia contudo que suas duas imagens ficariam a uma certa distância uma da outra, uma fraca distância que não perdia a esperança de reduzir ainda um pouco.

♦ A cama estava paralela à mesa, paralela à parede em que se abrem duas janelas. É um divã muito largo para que eles possam, estendidos, permanecer um contra o outro. Ela se aperta contra a divisória, voltada para ele, que a mantém firmemente.

♦ Ele sabe que há uma certa coincidência entre o lugar e a atenção. É um lugar de atenção. A atenção nunca será dirigida para ele, ele a habitaria eternamente. Mas ele não deseja não mais ser o objeto desta atenção.

Há uma certa bondade fria, ignorada, próxima de uma atenção impessoal extrema.

A atenção o ignora completamente, ele não a sente senão pela infinita negligência na qual ela o mantém, mas, com uma extrema delicadeza e por constantes contatos insensíveis, ela sempre já [*toujours déjà*] separara de si própria e o libera para a atenção que ele se torna num instante.

♦ O mistério não é nada, mesmo como um nada misterioso. Ele não pode ser objeto de atenção. O mistério é o centro da atenção, enquanto a atenção, sendo igual e a igualdade perfeita de si própria, é a ausência de todo o centro.

Na atenção desaparece o centro da atenção, o ponto central ao redor do qual se distribuem a perspectiva, a vista e a ordem do que está a ver interiormente e exteriormente. [35]

♦ A atenção é ociosa [*désœuvrée*] e inabitada. Vazia, ela é a claridade do vazio.

Mistério: sua essência é estar sempre abaixo da atenção[attention]. E a essência da atenção[attention] é a de poder preservar, nela e por ela, o que está além da atenção[attention] e a fonte de toda espera [attente]: o mistério.

A atenção, acolhimento do que escapa à atenção, abertura sobre o inesperado, espera que é o inesperado de toda espera.

♦ Ela começa um pouco depois: “Eu gostaria de te falar”. Ela não havia, então, cessado de conversar, mas nada havia lhe atingido tanto quanto as primeiras palavras.

Ela se mostrava, face à face a si mesma, tão surpreendentemente indiscreta que ela não tinha outro objetivo – ele não duvidava disso – senão o de constranger a uma discrição quase inconciliável com a vida.

“Você escutou a história, como se se tratasse de alguma coisa em movimento, notável, interessante”. É assim que ele escuta.

Uma história que só pede um pouco de atenção. Mas também a espera que dá atenção.

♦ Alguém em mim conversa consigo mesmo.

Alguém em mim conversa com alguém. Eu não os escuto. Contudo, sem que eu os separe e sem esta separação que eu mantenho entre eles, eles não se ouviriam. [36]

♦ Ele percebeu que ela estava atraída pela luz, mas uma certa luz que parecia ter por fonte algum ponto da descrição que ele tinha tacitamente aceitado nunca mais parar de sustentar.

Não descreva isso como se você se lembrasse.

◆ Quando ele se pergunta: “O que ela espera de mim?”, ele pressente que ela não espera, mas que ela está no limite da espera.

◆ Ela não esperava, ele não esperava. Entre eles, no entanto, a espera.

◆ A atenção espera. Ele não sabia se esta espera era a sua, separada dele e esperando fora dele. Ele permaneceu só com ela.

A atenção que a espera reconhece nele não está destinada a obter a realização do que ela espera, mas a deixar se propagar pela única espera todas as coisas realizáveis, próximas do irrealizável.

A espera só dá atenção. O tempo vazio, sem projeto, é a espera que dá atenção.

Pela atenção, ele não era atento à si mesmo, nem a nada que se relacionava ao que ele foi, mas levado, pelo infinito da espera, ao extremo limite que escapa à espera.

A espera dá atenção retirando tudo o que é esperado. [37]

Pela atenção, ele dispõe do infinito da espera que o abre ao inesperado, levando-o ao extremo limite que não se deixa alcançar.

◆ Não há perigo maior do que o perigo das palavras sem atenção.

A atenção não a deixaria nunca; nela, cruelmente abandonada.

◆ Ele não pensava que uma palavra tinha mais importância que a outra, cada uma era mais importante que todas as outras, cada frase era a frase fundamental, e, contudo, elas não buscavam senão se reunir todas juntas numa delas que poderíamos calar.

◆ “Você nunca dará uma resposta para tal palavra”. Antes, ele se ergue e pergunta: “Quem disse isso?” E como reina um grande silêncio por toda parte, ele pergunta ainda: “quem mantém o silêncio?”

Ele se dá conta, ela fala, e ninguém para lhe fazer o silêncio, ninguém para o juntar a ela.

◆ Ele lhe parecia, quando observava, que ela recuava insensivelmente, o atraindo em seu movimento de retirada. Eles se retiravam um e outro, imóveis, deixando o lugar em sua imobilidade. Estendidos um contra o outro, atados um pelo outro, e quando ela se afasta, recupera; afastada, se fe-[38]-chando sobre ele; à distância sem distância, a tocando não tocando.

◆ O espaço não pavimentado do susto.

◆ Quando, ao despertar, ele reconheceu o quarto onde [ele] tinha passado a noite, se sentiu feliz de sua escolha. Era um quarto pertencente a um hotel de meia categoria, como ele amava, muito estreito, mas longo, anormalmente longo. Perto dele, o corpo distorcido da jovem mulher. Ele se lembrou que ela tinha falado uma grande parte da noite.

◆ Ele lhe disse, e ela pareceu golpeada por estas palavras: “Eu não o conheço a mais tempo do que você o conhece”. Mais tarde, ela procurou refutar esta palavra: “Mas, dizia ela, é apenas depois que você conhece que você não conhece”.

“O que aconteceria, se minha palavra de repente ouvisse a mim?”.

“Para me ouvir, não era preciso me ouvir, mas me dar a ouvir”.

◆ Desde quando ele esperava? A espera é sempre a espera da espera, retomando nela o começo, suspendendo o fim e, neste intervalo, abrindo o intervalo de uma espera. A noite na qual ele não esperou nada, representa o movimento de espera. [39]

A impossibilidade de esperar pertence essencialmente à espera.

Ele se dava conta de que só havia escrito para esponder à impossibilidade da espera. O que era dito tinha então relação com a espera. Esta luz o atravessa, mas não faz senão o atravessar.

◆ Desde quando ele tinha começado a esperar? Desde que se tornou livre para a espera e perdendo o desejo das coisas particulares e até ao desejo do fim das coisas. A

espera começa quando não há mais nada à esperar. A espera ignora e destrói o que ela espera. A espera não espera nada.

Qualquer que seja a importância do objeto da espera, ele é sempre infinitamente ultrapassado pelo movimento da espera. A espera torna todas as coisas igualmente importantes igualmente vãs. Para esperar a menor coisa, dispomos de uma potência infinita de espera que parece não poder ser esgotada.

“A espera não consola.” – “os que esperam não são consolados por nada”.

◆ Mesmo se a espera está ligada à ansiedade que ela experimenta, a espera, com sua tranquila ansiedade própria, há muito tempo dissolveu a sua. Ele se sente liberado para a espera pela espera.

◆ São já palavras tão antigas e, enquanto ela as formula, há tanto tempo pensadas, [40] que elas representam uma verdade brilhante do lado de fora, apagando [éteinte] o lado de dentro.

Tudo o que ela diz representa pensamentos antigos e palavras anteriores. Em outro lugar que não aqui, ele as compreendia; aqui, ele as ouve muito tarde.

[no manuscrito de Blanchot (Cahier de L'Herne, Blanchot, p. 175) entram quatro fragmentos que não constam na edição impressa, incluso o único poema versificado de toda sua obra:

◆ *Envolvida em si mesma, virada e desvirada [tourné détournée], como ele poderia vê-la? Ele lutou contra um pensamento que, quando ele o olhava, ele olhava de volta.*

◆ *espera
anuência
e palavras infelizmente
a tudo pertenci
renunciando a tudo.*

*eu não soube de nada
eu não vivi para nada*

*espera é o que
me mantém de pé
espaço-espírito*

*indiferença atenta
a espera que não espera nada
o começo nem o fim
A espera não é escrita.*

♦ *A espera, acordo do tempo quando ele é ausência de tempo, puro devir.*

♦ *“Você me fala como se estivesse só.” – “Ah, eu queria não estar”.]*

♦ *“Não fale disso. Não pense mais nisso, esqueça tudo.” – “Eu esqueci tudo. Você também, eu te esqueci.” – “Sim, você me esqueceu”.*

Não há entre eles um verdadeiro diálogo. Somente a espera mantém entre o que eles dizem uma certa relação, palavras ditas pela espera, espera de palavras.

♦ Na espera, toda palavra se torna lenta e solitária.

♦ Ele devia precedê-la e sempre ir antes, sem estar seguro de nunca segui-la. O que ela tinha dito a ele, fora obrigado a descobrir primeiro as palavras com as quais ele poderia em seguida o fazer ouvir. Eles andavam assim, imóveis no interior do movimento.

♦ Sempre a mesma luz da manhã. [41]

♦ Quando ele a olhou por tempo demais, viu em seu lugar e se superpondo a ela como que uma ausência de ninguém de que não se assustava por ter que olhar ainda.

♦ A espera estéril, sempre mais pobre e mais vazia. A espera plena, sempre mais rica que a espera. Uma é a outra.

◆ O pensamento de que ela está aqui, ainda que por sua palavra ela negue sempre de um certo modo de sua presença afirmando dela a relação secreta com si própria.

◆ O povoamento inumerável do vazio.

◆ O mesmo dia passa.

◆ Ele tinha visto uma vez, duas vezes, um número de vezes infinita. Ele passou perto dela e não apagou sua presença. Que ela não saiba nada dele, ele nunca duvidou. Ela o ignorava, ele aceitava sua ignorância. Primeiro, que impulso, que vida profunda por causa desta solidão redobrada; por fim, que peso de enganação e de erro. Quem aceitou isso uma vez, deve perseverar sem fim.

Ela o ignora, sendo mais atenciosa do que ninguém ao que ele faz e diz.

Parece-lhe que ela não duvida mais de sua presença do que aquilo que ela não acredita. Talvez porque ela não duvida. Ela não acredita. [42]

◆ Ela colocou toda a sua fé nesta coisa na qual ela não acreditava.

◆ Ela não está atenta ao que ele faz: ele não faz nada, e não mais do que ele diz: ele fala menos do que ouve; para si mesmo talvez, para isto que surge dele o esperando e que é a indiferença atenta do lugar.

Eram os batimentos do coração, a agitação da esperança, a ansiedade da ilusão.

◆ Ele havia suportado a espera. A espera o tornou eterno, e agora ele não tinha mais que esperar eternamente.

A espera espera. Através da espera, aquilo que espera morre esperando. Ele leva a espera para a morte e parece fazer da morte a espera do que é ainda esperado quando se morre.

A morte, considerada como um acontecimento esperado, não é capaz de pôr fim à espera. A espera transforma o fato de morrer em algo que não basta alcançar para

interromper a espera. A espera é o que nos permite saber que a morte não pode ser esperada.

O que vive na espera vê chegar para si a vida como o vazio da espera e a espera como o vazio do além da vida. A instável indistinção destes dois movimentos é doravante o espaço da espera. A cada passo, estamos aqui, e portanto além. Mas como esperamos este além sem [43] esperar pela morte, o esperamos e não o alcançamos; sem saber que seu caráter essencial é o de não poder ser alcançado a não ser na espera.

Quando há espera, não há espera de nada. No movimento da espera, a morte deixa de poder ser esperada. A espera, na tranquilidade íntima no seio da qual tudo o que chega é envolvido pela espera, não chega a deixar a morte como o que bastaria à espera, mas a coloca em suspenso, em dissolução e a todo instante ultrapassada pela igualdade vazia da espera.

Estranha oposição da espera e da morte. Ele espera a morte, numa espera indiferente à morte. E, do mesmo modo, a morte não se deixa esperar.

♦ Os mortos ressuscitam agonizantes.

♦ “Você responde com as minhas questões.” – “Eu faço das suas questões respostas”.

♦ Quando ela começa a buscar expressões para lhe dizer: “Você nunca saberia. Você nunca vai me fazer falar. Você nunca aprenderia o porquê estou aqui com você”, é então, no movimento veemente que lhe permitia ser uma voz apaixonada, tornando-se um corpo imóvel e impassível, que ele ouvia lhe perguntar de repente, sem mesmo mudar o registro de sua voz e talvez mesmo sem mudar [44] suas palavras: “Faça como se eu pudesse te falar”. Ele não poderia nunca mais esquecer este pedido.

Durante dias, ele lutou contra ela, pelas palavras, pelos silêncios: “Não, eu não sou isso que você deseja que eu seja”. Sobre o que, muito tempo depois, ela intervinha: “E o que você seria, se você fosse?” Como, por um tipo de reserva e talvez por uma dificuldade mais grave, ele não queria definir, ela concluía triunfalmente: “Veja você, não pode dizer, ainda menos negar”.

♦ “Você não fala para mim, você fala para alguém que não está aqui para te ouvir”.
– “Mas você está aqui?” – “Eu estou aqui”.

♦ Ele nunca sonhou com ela. Ela nunca sonhou com ele. Eles somente eram sonhados um e outro pelo que eles gostariam de ser um para o outro.

♦ Estendida, à meia volta. A mesa contra a cama, ele escreve com um barulho contínuo que torna o silêncio quase transparente. De repente, ela lhe endereça esta questão: “Quem é você, na realidade? Você não pode ser você, mas você é alguém. Quem?” Ele interrompeu seu trabalho, baixou a cabeça. “Eu te interrogo”. Ele também se interroga. “Não duvide, disse delicadamente. Eu escolhi ser o que me encontro. Eu sou o que você vem a dizer.” – “Quem?” Ela grita quase. “Sim, o que você vem a dizer.” [45]

♦ À nós dois, o sabemos.

♦ O apodrecimento da espera, o tédio. A espera estagnante, a espera que é primeiro tomada pelo objeto, que se toma de complacência por si mesma, enfim de ódio por si mesma. A espera, a calma angústia da espera; a espera se torna a calma estendida onde o pensamento está presente na espera.

♦ Ela se sentou, imóvel, à mesa; estendida contra ele sobre a cama; às vezes de pé perto da porta e ainda vindo de muito longe. É assim que ele a tinha visto primeiro. De pé, entrando sem nada dizer e não olhando ao redor dela, como se ela tivesse desde sempre reunido em si mesma toda a presença do lugar; e, certamente, se não existira entre ele e toda figura feminina uma longa familiaridade que lhe tornou próximo de cada uma delas, ele deveria antes se sentir um intruso neste quarto, mas com a firme segurança da juventude não via nada de extraordinário em sua vinda, não mais do que ele havia hesitado em lhe fazer sinais agora: ela estava aqui, ele não a deixaria partir novamente.

Ele estava aqui, ela não o deixaria partir novamente.

♦ “Quando você se lembra que eu te abandonei, é verdade. Quando você disse com tristeza que eu não te abandonei, é verdade. Mas quando você [46] pensa que eu fui abandonado por mim mesmo, quem então se faz presente perto de você?”

♦ “Venha”. Ela se aproxima lentamente, não apesar dela, mas com um tipo de profunda distração que o tornava, ele, maravilhosamente atento.

Ela falou, mas ele não escutava. Ele escutava apenas para atraí-la para ele por sua atenção.

♦ Estreita a presença, vasto o lugar.

♦ “Ah, enfim, você diz francamente.” – “Por quê? Eu nunca fui franco?” – “Muito franco, demasiadamente franco talvez para a verdade franca que procura se exprimir através de você”.

Ele sabia que nem ela nem ele tinham nada além do esforço para chegar a este pensamento que, fora deles, os esperava para os conduzir ou para os enganar.

Se ele a havia forçado a falar, jamais a havia forçado para entrar em seu pensamento. Ele não lhe emprestava os pensamentos. A palavra pensamento não contém muita transparência, nem muita obscuridade. Ela falava apenas, ela se calava apenas.

♦ Ele a atraía, como ele a atraíu? Ele a atraía constantemente, por uma imóvel, insensível [47] força. Ela era o lugar mesmo desta atração que ele exercia sobre ela e que, pelo retorno da atração, ela exercia sobre ele: parada aqui e não fixada, imóvel, de uma imobilidade errante.

Vagando fora de si até que ele saia dele.

♦ O que ela tinha esquecido? Isso era muito importante? Oh, não, era insignificante. Ela dizia isso com um tipo de paz furiosa, uma tranquilidade banhada de lágrimas, atravessada de luz, pesada de escuridão.

♦ “Por que você pensa isso?” – “Eu o penso, eu o pensarei sempre. É um pensamento ao qual não podemos pôr fim”. Ele estremeceu escutando este tipo de condenação.

♦ “Você acha que eles se lembram?” – “Não, eles esquecem.” – “Você acha que o esquecimento seja o modo pelo qual eles se lembram?” _ “Não, eles esquecem e eles não guardam nada no esquecimento.” – “Você acha que o que é perdido no esquecimento seja preservado no esquecimento do esquecimento?” – “Não, o esquecimento é indiferente ao esquecimento.” – “Então, seremos admiravelmente, profundamente, eternamente esquecidos?” – “Esquecidos sem admiração, sem profundidade, sem eternidade”.

♦ Eles vão juntos ao quarto, lentamente, rapidamente com destreza por cada obstáculo, olhando um instante pela [48] janela: juntos, não o sabem, se falam, se respondem em vão; novamente, continuam a falar um para o outro com calma e com doçura.

♦ (Dois seres daqui, dois antigos deuses. Eles estavam em meu quarto, eu vivia com eles.

Por um instante, eu me misturei em seu diálogo. Eles não se surpreenderam. “Quem é você? Um novo deus?” – “Não, não; um homem apenas”. Mas meu protesto não os parou. “Ah, os novos deuses! Eles vieram enfim”.

Sua curiosidade era leve, instável, maravilhosa. “O que você faz aqui?” Eu respondi. Eles não me escutavam. Eles sabiam tudo de um saber leve que não podia se tornar mais pesado por uma verdade parcial, tal como eu dei a eles.

Eles eram belos, mas a atenção que eu lhes trazia, para ela, fez com que para mim ela se encontrasse quase constantemente só, e sua beleza se tornou ainda mais impressionante. Eu notei que eu a atraía também, apesar da ignorância que ela parecia ter de mim, de mim em particular. Ela me apareceu realmente, era uma grande moça de que eu me maravilhei por poder olhar, ainda que eu não fosse capaz de descrevê-la, e

quando eu lhe disse: “Venha”, ela se aproximou imediatamente com uma profunda distração que me tornou extremamente atento. Desapareceu então definitivamente. Ao menos, eu o pensei para maior comodidade. Um deus desaparece?

Desde então, nós vivemos juntos. E eu quase não resisto [49] mais à ideia de que eu seria talvez um dia o novo deus).

O sonho de uma noite sem sonho.

♦ Ela desejava extraordinariamente o esquecimento: “Estamos aqui no esquecimento?” – “Ainda não.” – “Porque?” – “Nós esperamos.” – “Sim, nós esperamos”.

O esquecimento, a espera. A espera que assemelha, dispersa; O esquecimento que dispersa, assemelha. A espera, o esquecimento [...]

II (pg. 67 – 120)

Final

Adriano Henrique de Souza Ferraz é Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo\UNIFESP. Participa do Grupo de Pesquisa sobre a Filosofia da Diferença (GPDF) na UNIFESP. Ingressou em janeiro de 2024 no programa de Pós Doutorado da UFSCar com pesquisa acerca da relação entre Clarice Lispector e Maurice Blanchot. É membro do Núcleo de Filosofias da Criação (NFC\UFRJ) e do Grupo de Pesquisa Constituição e Crítica da Subjetividade na História da Filosofia.